

A trajetória de Carlos Henrique Escobar

Luiz Eduardo Motta (UFRJ)

No campo científico/intelectual (na acepção dada por Pierre Bourdieu), há sempre uma divisão entre os dominantes (o saber “legítimo” e “legitimado”) e aqueles que se encontram numa posição dominada, pois são aqueles que navegam contra a corrente dominante. O nome de Carlos Henrique Escobar, sem dúvida, sempre pertenceu ao segundo grupo. Estar numa posição dominada num determinado campo não significa que o autor seja um desconhecido nesse campo. Contrariamente a isso, o nome de Escobar marcou o cenário intelectual brasileiro durante a segunda metade dos anos 1960 até a primeira metade dos anos 1990, sendo a cidade do Rio de Janeiro e o meio intelectual carioca o seu principal palco. De fato, o seu nome foi eclipsado a partir da virada de século, dando a impressão de que toda a sua polêmica obra tivesse desaparecido já que praticamente não havia citações ou referências aos seus trabalhos. O fato é que durante 15 anos o nome de Escobar esteve inteiramente associado ao de Althusser e de sua escola, visto que ele foi o intelectual brasileiro que mais divulgou as polêmicas teses de Althusser e do conjunto de seus seguidores na formação social brasileira (Badiou, Balibar, Rancière, Bettelheim, Pêcheux, Poulantzas etc.), e foi o mais conhecido membro do grupo “Tempo Brasileiro”¹ (que contava com os nomes de Eginardo Pires, Marcou Aurélio Luz, Alberto Coelho e Souza, entre outros). A posição política de Escobar convergia com as teses radicais de Althusser: na contramão da intelectualidade ligada ao PCB (Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder, Luiz Werneck Vianna, Caio Prado Jr.) e daquela vinculada à USP (Fernando Henrique Cardoso, José Arthur Giannotti, Francisco Weffort, Marilena Chauí). Nos anos 1960 até meados dos anos 1970, Escobar defendeu a via revolucionária e de ruptura por meio da luta armada, indo de encontro à concepção gradual de democratização. E a materialização dessa posição não se limitou à elaboração de artigos, mas orientou a sua prática política quando participou de uma organização clandestina MAR (Movimento Armado Revolucionário) de tendência brizolista, não obstante Escobar nunca tivesse pertencido às fileiras do brizolismo no pré-1964, como também posteriormente não se vinculou ao PDT, já que foi um dos fundadores do PT no Rio de Janeiro.

¹ O nome “Tempo Brasileiro” se deve aos trabalhos que esses autores publicaram na revista *Tempo Brasileiro*, criada por Eduardo Portella, no início dos anos 1960, e que abrigava diversas correntes teóricas; entre eles, os “estruturalistas” franceses, a fenomenologia heideggeriana, a Escola de Frankfurt e a psicanálise freudiana.

O presente dossiê organizado oferece ao leitor a possibilidade de conhecer a obra desse polemista que tanto se fez presente no debate intelectual, e que ficou marcado por duros embates com José Guilherme Merquior, José Arthur Giannotti, Marilena Chauí, Fernando Henrique Cardoso, Sergio Paulo Rouanet, Ferreira Gullar, Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder, Otto Maria Carpeaux e Roberto Schwarz. O dossiê abrange a quase totalidade de seus artigos e livros da sua fase althusseriana, na qual divulgou para o público brasileiro as teses do corte epistemológico na obra de Marx, as diferenças entre o discurso científico e ideológico, o conceito de modo de produção, Estado capitalista e aparelhos ideológicos, além de elaborar uma contribuição original sobre a linguística de Saussure ao articulá-la com a semiologia. Com efeito, Escobar antecipou e muito a Unicamp com relação aos estudos da obra de Michel Pêcheux (muitas vezes sendo citado como Thomas Herbert, pseudônimo de Pêcheux) em nossa formação social. O reconhecimento desse pioneirismo encontra-se atualmente nas páginas do livro de João Marcos Kogawa “Linguística e marxismo: condições de emergência para uma teoria do discurso francesa no Brasil”, publicado recentemente em 2015.

É preciso também destacar os seus dois livros extraídos de sua tese de doutorado “Marx trágico (o marxismo de Marx)” e “Marx, filósofo da potência”, e que consegue de modo criativo articular as teses de Marx com as de Nietzsche em oposição à interpretação iluminista e humanista de Marx - na qual é destacado como um dos principais representantes do pensamento moderno e um continuador da obra de Hegel - foram publicados em meio à toda adversidade ao pensamento de Marx e as correntes marxistas na primeira metade dos anos 1990. Escobar manteve a sua coerência política dos seus trabalhos iniciais ao fazer a defesa da ruptura com a modernidade burguesa e a defesa do conceito de ditadura do proletariado e de comunismo (“igualdade das diferenças”, como ele mesmo afirma nos seus dois livros) em contraposição à perspectiva reformista que vigorou (e ainda vigora) em diversas tendências marxistas. E é por essa sua radicalidade política que esse dossiê recupera boa parte de sua obra (que é bem ampla, pois abrange peças de teatro, poesias e estudos sobre Foucault, Deleuze, Nietzsche), e se faz cada vez mais necessária diante ao avanço da direita no cenário nacional e internacional (e com fortes conotações fascistas), presente também no meio universitário. E é isso que proporciona ao leitor esse dossiê que ora apresentamos pelo blog *marxismo21*.

